

## ***Ex-Pajé e A Pajé: o documentário e seus caminhos narrativos sobre o etnocídio e a resistência dos povos originários***<sup>1</sup>

Denise Tavares<sup>2</sup>

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/ Universidade Federal Fluminense - UFF

### **RESUMO**

A proposta desta comunicação é discutir a narrativa documentária a partir dos filmes *Ex-Pajé* (2018), direção de Luiz Bolognesi e *A Pajé* (2019), direção de Letícia Ottomani, Helena Alba e Nelma Salomão. A duplicidade tem como objetivo ressaltar duas estratégias distintas que atravessam o olhar sobre os povos originários e configuram, deste modo, uma aproximação do real que acaba por ressaltar o etnocídio e a resistência desses indígenas, conforme enquadrados pela linguagem documentária. Tais abordagens, defendemos aqui, contribuem para fraturar os imaginários preconceituosos e invisibilidades que ainda recaem sobre essas comunidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; narrativa; imaginários; protagonismo feminino; povos originários.

### **INTRODUÇÃO**

Para Enrique Leff, economista e sociólogo mexicano, que foi coordenador da Rede de Formação Ambiental da América Latina e Caribe do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente por mais de 20 anos e é, atualmente, pesquisador do Instituto de Investigações Sociais e professor da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da UNAM – Universidade do México - a epistemologia ambiental “é um percurso para chegar a saber o que é o ambiente – esse estranho objeto do desejo do saber – que emerge do campo do extermínio para onde foi expulso pelo logocentrismo teórico fora do círculo de racionalidade das ciências” (2012, p. 16). Próximo do campo teórico materialista e do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho - GT14SE - Documentário como forma de (re)conhecimento: possibilidades, impactos e limitações, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano e do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos. Doutora em Integração Latino-Americana (PROLAM/USP).

pensamento crítico, Left identifica o final dos anos 1960 como ponto de inflexão para que um giro epistemológico se configurasse em relação aos conceitos e reflexões que circunscreviam o saber ambiental a um território único. O que motivou tal deslocamento, ainda segundo o autor, foi a percepção palpável da grande crise ambiental já possível, naquele momento, de ser antevista. Uma situação que reconfigurou os estudos ambientais, reconhecendo-se que as abordagens trans e interdisciplinares eram caminhos indissociáveis se o objetivo fosse a construção de novos pilares para dar sustentabilidade à vida humana.

Se esta posição é bem-vinda na Academia – e foi – em paralelo outros percursos políticos, éticos e artísticos, originados de resistências improváveis para os defensores do capitalismo predatório, se configuravam. O processo não só ignorou as estratégias de disputa pelo conhecimento estabelecidas pelo *logos* científico pós-iluminismo, como ampliou, de modo cada vez mais potente, vozes como a de Ailton Krenak e/ou Diana Ríos Rengifo, que questionam abertamente o conhecimento científico sobre os povos originários, quase integralmente classificados por este “saber científico”, como primitivos. “Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes?”, interroga Krenak (2019, p.28), antes de afirmar que “Às vezes, os antropólogos limitam a compreensão dessa experiência que não é só cultural” (*Ibid*, p. 29).

O alcance dessas vozes em um cenário midiático como a sociedade contemporânea, como sabemos, está ligado à amplitude dos produtos midiáticos protagonizados por elas. Entre eles, o audiovisual e o cinema têm sido, como também se sabe, espaços essenciais para as reverberações desejadas, a despeito das distâncias que os poderes constituídos e boa parte da grande mídia – com destaque ao jornalismo – mantêm dessas pautas. Por isso mesmo, problematizar as narrativas que buscam a emersão de outros vínculos com essa natureza que está tão distante da maior parte da população brasileira - já que cerca de 87,4% destas pessoas vivem nas cidades -, impõem-se, se a causa assumida é, de fato, a existência do planeta. Em especial porque as áreas naturais do país – campos, florestas, oceanos – continuam sendo lugares cobiçados, exauridos em seus recursos, ocupados predatoriamente, em longo e largo processo de expulsão dos seus habitantes originários: plantas e animais, inclusive o humano. Uma realidade quase nunca apresentada pelos produtos midiáticos hegemônicos (em termos de acesso). Ao contrário:

acumula-se também um corolário de narrativas embrulhadas em véus de legalidade e/ou legitimidade, especialmente em nome da posse destes territórios, seja ela pública ou privada., por serem codificadas como patrimônio adquirido e gerador de riquezas nacionais, incluindo emprego para as populações sem patrimônios similares.

Diante e imersa nessa realidade, a proposta desta comunicação é constituir um desvio teórico-reflexivo às discussões propostas por Enrique Leff, Denise Arnold, Juan de Dios Yapita, entre outros, que têm buscado constituir um campo de saber específico e interdisciplinar para a questão ambiental, considerando que faltam a estas propostas dialogarem com duas questões chaves dos tempos atuais: o papel essencial da produção audiovisual na constituição de uma nova sensibilidade em relação ao meio ambiente e a inclusão da especificidade do modo de viver, cultura e conhecimento dos povos originários. Neste sentido, foco aqui dois filmes que explicitam possíveis pontos de inflexão nesta remoldagem sensível que não é mensurável objetivamente, mas é capaz de dar a ver um tecido ainda poroso, talvez esgarçado e frágil, entretanto perceptível o suficiente para evocarmos rastros e resistências. Os films não formam exatamente um dístico, mas traduzem duas situações potentes na perspectiva da compreensão de um mesmo fenômeno histórico social: o etnocídio e sua recusa a ele, a partir do protagonismo feminino que, por sua vez, subverte a destruição. Tal ocorre, por um processo que afirma a identidade dos povos originários, a despeito da sua paradoxal reinvenção.

Os filmes são *Ex-pajé* (2018), dirigido por Luiz Bolognesi e *A Pajé* (2019), direção de Letícia Ottomani, Helena Alba e Nelma Salomão. No primeiro, o que se tem, em termos narrativos, é a história de o antigo pajé Perpera, dos Paiter Suruí, na Amazônia, que foi “destituído” de suas funções na comunidade, em função da chegada à região de uma igreja evangélica. Centrado neste protagonista, o documentário o acompanha diuturnamente, desvelando um arco de situações cotidianas em que avultam, pelos mais diversos símbolos, o etnocídio perpetrado que, conforme o próprio filme destaca em suas telas iniciais, trata-se da “destruição sistemática de seus modos de vida e pensamento”. Ou, conforme o etnólogo francês Pierre Clastres, também citado no filme “Enquanto o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito”. Já o filme *A Pajé*, faz um caminho oposto: vai ressaltar a recusa tanto ao etnocídio quanto ao genocídio, ao contar a história de Hushahu Yawanawa, uma líder indígena da Terra Indígena do Rio Gregório, no Acre, que se tornou pajé em 2005, aos 25 anos de idade,

após um retiro de 12 meses, quando recebeu ensinamentos e informações de espíritos sagrados. A emersão dessa narrativa dialoga com outros filmes centrados nos povos originários, como “Adeus Capitão” (2022), de Vincent Carelli e Tatiana Almeida, que mostra serem as mulheres quem, ao final, assumiram o legado do “Capitão” Krohokrenhum, líder do povo indígena Gavião (PA) que morreu em 2016.

## **DOCUMENTÁRIO, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**

Como escrevemos em outro texto (Tavares, 2024) a existência das produções de e sobre indígenas agora em circulação mais ampla, com possibilidades reais de chegar ao público já que há muitas delas disponíveis gratuitamente no YouTube, integra uma longa luta de visibilidade dos povos originários no Brasil. Em especial porque estes povos, além de terem enfrentado um genocídio histórico com a invasão das suas terras desde 1500 pelos portugueses, vivenciam, desde este momento, esse longo e violento processo de etnocídio. No entanto, a quase totalidade da população do país, continua conhecendo as comunidades que sobreviveram e resistiram a estes massacres, de forma estereotipada, seja devido às distorções ainda presentes em boa parte do ensino formal básico, seja pela abordagem da mídia hegemônica. Portanto, é principalmente sob a perspectiva de fraturar esses imaginários e preconceitos, que a quase totalidade da filmografia que foca os povos originários tem se constituído.

Trata-se, portanto, do documentário que contribuem para a criação de uma “nova sensibilidade” em relação às comunidades indígenas brasileiras, que continuam sendo massacradas, roubadas em seus direitos, assassinados impunemente (na quase totalidade das vezes). Nesse processo, ressalta-se o protagonismo feminino como contraponto pujante a esse necessário reconhecimento pleno da integralidade sociocultural dos povos originários, em especial sua contribuição pautada na não cisão em relação à natureza. Ao destacar um papel emblemático da cultura desses povos, o pajé, os filmes podem ser observados como pertencentes a uma narrativa em dois tempos: no primeiro, o de Bolognesi, há o desvelamento de uma estratégia de tentativa de aniquilamento cultural, que sobrevive em breves e raros momentos, como vaga-lumes, enquanto no outro, dirigido por três mulheres e focada em outra, promove uma espécie de avanço no tempo, configurando uma dança da resistência e da sobrevivência que projeta futuro, a despeito dos rastros de destruição que cercam essa comunidade. Para além das temáticas, a

proposta é discutir como e sob quais engendramentos, esses dois documentários se tecem, permitindo, de algum modo, construirmos um dístico que ilumina tanto o gênero como o material que o tece.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver – uma oportunidade para imaginar outros mundo**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALBERT, Bruce. A Floresta poliglota. In ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O Espírito da Floresta**. São Paulo: Cia das Letras, 2023, pp 119-136.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BELTRÁN, Elizabeth Peredo. Ecofeminismo. In SÓLON, Pablo (Org). **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. São Paulo: Elefante, 2019, p. 113-143.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, Maria da Graça. Agroecologia, ecofeminismos e bem viver: emergências decoloniais no movimento ambientalista brasileiro. In HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. P. 284-297.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DUVALL, John A. **The Environmental Documentary. Cinema Activism in the 21st Century**. New York: Bloomsbury Academic, 2017.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: um outro cinema**. Campinas/SP: Papiirus, 2011.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUSMÁN, Patrício. **Filmar o que não se vê. Um modo de fazer documentário**. São Paulo: Edições SESC, 2017.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. Introdução – Agora somos todas decoloniais? In HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p 11-34.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami**. 10ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Cia das Letras, 2022.

LABAKI, Amir. **É tudo verdade. Reflexões sobre a cultura do documentário**. São Paulo: Francis, 2005.

LEFF, Enrique. **Aventuras da Epistemologia ambiental – Da Articulação das Ciências ao Diálogo dos Saberes**. São Paulo: Cortez, 2012.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas questões básicas. In Bernardino-Costa, Joaze; Maldonado-Torres, Nelson; Grosfoguel, Ramón (Orgs). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. pp 27-53.

MELUCCI, Alberto. **Acción colectiva, vida cotidiana y democracia**. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos, 1999.

OYEWÚMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

QUIJANO, Aníbal. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019.

RAMOS, Fernão (Org). **Teoria contemporânea do cinema – Documentário e narrativa ficcional**. Volume II. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

RAMOS, Fernão. **Mas Afinal...O que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

REZENDE, Luiz Augusto. **Microfísica do Documentário**. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2022.

SHIVA, Vandana. **A violência da Revolução Verde. Agricultura, Ecologia e Política do Terceiro Mundo**. Oeiras/Portugal: Edições Mahatma, 2015.

SILVA, José Graziano. **O novo rural Brasileiro**. Belo Horizonte: Ed. Nova Economia, 1997.

SOLÓN, Pablo. Direitos da Mãe Terra. In SÓLON, Pablo (Org). **Alternativas Sistêmicas**. São Paulo: Elefante, 2019.

TAKUÁ, Cristine. Uma mulher maxakali em uma aldeia guarani: o feminismo comunitário e o Bem Viver como política. In LOSITO, Lucila (Org). **Mulheres de Terra e Água**. São Paulo: Elefante, 2022.

TAVARES, Denise. Homens oceânicos e elegias à natureza (A valorização das origens no documentário latino-americano). **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 62–76, 2019.

TAVARES, Denise. Existir, a que será que se destina? Geografias viscerais e (re)encantamentos da natureza em documentários de e sobre indígenas. In MELO, Cristina Teixeira Viera et al (Orgs). **Pensar o documentário vol. 3**. São José dos Pinhás/PR: Ed. Estronho e Esquisito, 2024, p. 103-126.

ZIBECHI, Raúl. **Territórios em Rebeldia**. São Paulo: Elefante, 2022.